

CANA Os índices de exportação do agronegócio do Cepea confirmam o impacto do câmbio sobre a atratividade das vendas externas do setor; açúcar se manteve atrativo

Exportação de açúcar mantém atratividade

PAOLA RIBEIRO
paola@jornal.com.br

Cálculos do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, mostram que o preço médio em real das exportações (Índice de Atratividade-Agro/Cepea, o IAT-Agro) do agronegócio brasileiro caiu 7% de 2009 para 2010.

Apesar da queda na média nacional, o açúcar se manteve atrativo, com o índice aumentando 13,4%, favorecido pela significativa alta de 35,8% nos preços em dólar. No período, a taxa de câmbio efetiva real do agronegócio valorizou 16%, superando o aumento médio dos produtos no mercado internacional, de 11,7% (em dólar). Em volume, a alta foi de 7,23%, conforme os índices de exportação do agronegócio divulgados ontem pelo centro.

De acordo com o coordenador científico do Cepea e professor da Esalq, Geraldo Barros, o agronegócio nacional parece ter superado a

crise, apesar da forte valorização cambial que tem prejudicado o faturamento em reais do setor — em relação a 2009, a queda foi de 1,06% no montante obtido em 2010. Para o início de 2011, espera-se uma pequena redução nas quantidades exportadas, já que os principais produtos embarcados encontram-se em fase de entressafra. “Contudo, pode ocorrer um aumento ain-

da maior para os preços em dólar, já que a demanda pelos produtos brasileiros segue aquecida”, comenta.

Segundo Barros, que realizou o estudo juntamente da pesquisadora Andréia Adami, entre os fatores que apontam para a manutenção dos preços em níveis altos do lado da demanda estão o forte crescimento dos países em desenvolvimento e dados positivos sobre a atividade econômica dos países desenvolvidos. Do lado da oferta, eventos climáticos podem trazer redução do volume a ser colhido em vários países considerados como importantes exportadores de produtos agrícolas.

Alta registrada nos preços em dólar foi de 35,8%



Arquivo/Bolly/JP

Câmbio favoreceu a atratividade da exportação do açúcar

Dos produtos exportados, os do complexo sucroalcooleiro, da soja e as carnes aparecem na dianteira em termos de receita. Em 2010, o açúcar foi o de maior destaque, com crescimento de quase 17% do volume e de 36% dos preços em dólar, sobre as médias de 2009. Isso porque, no período, o produto teve a valorização de preços (em dólar) mais expressiva no mercado internacional, de 35,8%. Conforme pesquisas do Cepea, as significativas reações se devem à redução dos estoques mundiais, decorrente da quebra de produção em alguns

países, associada à recuperação da demanda.

Outros produtos com atratividade em expansão, no comparativo com 2009, foram papel e celulose (10,43%), álcool (7,7%), carne suína (4,7%), carne bovina (2,7%) e café (1,9%). Todos os demais tiveram perda de atratividade, com destaque para farelo de soja (-37,5%), soja em grãos (-18,6%) e madeira e mobiliário (-12,7%). Quanto aos destinos das exportações brasileiras do agronegócio, o Cepea aponta que a União Europeia, EUA e China continuam aparecendo como os principais.

Valor exportado cai 22% em Piracicaba

O bom desempenho do açúcar não foi aproveitado por exportadores de Piracicaba. Embora o município continue sendo referência no setor sucroalcooleiro enquanto importante produtor, a mudança de domicílio fiscal da Cosan S/A Indústria e Comércio para Barra Bonita tirou a cidade do ranking dos maiores exportadores da commodity. O valor exportado pelo município para o açúcar de cana em bruto foi de US\$ 12,4 milhões entre janeiro e dezembro de 2010, queda de 22% em relação ao registrado no ano anterior (US\$ 16 milhões), de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic).

Ao mesmo tempo, essa baixa não prejudicou produtores de cana-de-açúcar, segundo o gerente do departamento técnico agrônomo da Afocapi (Associação dos Fornecedoros de Cana de Piracicaba), José Rodolfo Penatti.

“O preço da cana, que tem como referência o mix de produção do Estado, subiu de R\$ 46 por tonelada para cerca de R\$ 55 por tonelada”, disse Penatti, também diretor da Coplacana (Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo).

A cana responde por 97% da área de cultura temporária no município, ocupando 600 quilômetros quadrados, conforme dados compilados pelo Ippal (Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba), com base no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Na sequência, vem o milho, com participação de 2,5%. Culturas temporárias são aquelas de curta ou média duração, geralmente com ciclo vegetativo inferior a um ano, que, após a colheita, necessita de novo plantio para produzir. Diferente das culturas permanentes, há trocas de culturas no solo. (PR)